

CULTURA E ELEVAÇÃO INTELLECTUAL DOS TRABALHADORES: OS GRÁFICOS EM DISCUSSÃO

Tânia Serra Azul Machado Bezerra*

A cultura é algo bem diverso. É organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior: e é graças a isso que alguém consegue compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres.

(GRAMSCI, 2004, p. 58).

Nesse texto, nos empenhamos em discutir, a partir de Marx (1890; 1997; 1998; 2004), Gramsci (1997; 2004), Kosik (2002) e Mézàros (2005), aspectos referentes à necessidade de elevação cultural dos trabalhadores diante dos valores e da cultura próprios dessa classe. Tal perspectiva busca, nesse sentido, apontar elementos referentes ao que Gramsci (1997) anuncia como a formação de uma consciência unitária do proletariado, que, diante da hegemonia capitalista, pode se configurar como importante instrumento de resistência aos preceitos de exploração.

Para tanto, diante de um movimento teórico-empírico, dialogaremos também com alguns aspectos de nossa pesquisa de campo¹ pertinentes a essa discussão. Apresentaremos, pois, depoimentos de alguns trabalhadores investigados por nós ao longo do mestrado e do doutorado,

* Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará; pedagoga; pesquisadora do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional – LABOR/UFC.

¹ Nossa pesquisa de doutorado, com o tema *Autoformação e Consciência de Classe no Sindicato dos Trabalhadores Gráficos no Estado do Ceará*, trata da análise de um grupo de estudos formado por trabalhadores que se reúnem no Sindicato dos Gráficos em Fortaleza, por iniciativa própria, para estudar Marx e Engels e outros aspectos teóricos referentes ao fortalecimento das lutas de Classes. Desta feita, nos parece relevante o diálogo com os dados empíricos até então coletados, para o enriquecimento da temática proposta nesse texto.

que participam de um grupo de formação política.² Cabe destacar a noção de que as análises do campo visam a confrontar teoria e prática, no intuito de observar os próprios trabalhadores em atividade de formação e debate reflexivo.

Para iniciarmos nossa reflexão é imprescindível compreendermos a concepção de cultura anunciada por Gramsci (2004) e o papel desta diante das vivências humanas e do antagonismo social, indo além dos conceitos meramente técnicos que giram em torno de tal significado. Com efeito, ante essa perspectiva gramsciana, não se pode pensar a cultura sem se considerar a construção histórica do homem como sujeito de suas ações e inferências no mundo; ou seja, os aspectos culturais são construídos na tessitura das relações sociais, a partir de valores extraídos da práxis humana.

Nesse sentido, não seria equívoco considerarmos que a classe trabalhadora, mesmo sendo fortemente influenciada pelos valores culturais do estrato dominante, tem cultura própria adquirida em suas vivências e leituras de mundo, a partir de aspectos coletivos consolidados diante do antagonismo social e da histórica luta de classes. Isso porque as relações sociais elaboram o próprio homem, uma vez que este, diante de um movimento dialético, tanto se influencia quanto é influenciado, tanto transforma quanto é transformado.

Cabe enfatizar o fato de que o grupo de trabalhadores que constitui nosso foco de pesquisa, apresenta aspectos que muito nos remetem ao pensamento gramsciano, uma vez que estes se organizam em busca de elevação do potencial intelectual em sentido amplo (política e cultura geral), acreditando ser este um bom aporte para as lutas de classes. Nessa perspectiva, nos levam a relacionar esse

² Tal formação muito se aproxima do que Gramsci (1997) conceitua como um círculo de cultura, formado por trabalhadores, no intuito de fomentar questões pertinentes aos seus interesses de classe e, assim, possivelmente contribuir para a formação de uma consciência revolucionária.

caso em específico com o que Gramsci (1997) intitula de a formação de um *círculo de cultura*, que, como mais à frente discutiremos, busca atingir uma competência intelectual coletiva, no intuito de socializar conhecimentos e fortalecer a classe em termos culturais.

Sabemos, todavia, que na sociedade de consumo, as pessoas são estimuladas a cultivar o supérfluo e a atribuir às mercadorias, produto do trabalho humano, um valor que vai além dos próprios homens, afastando-se estes de valores coletivos que promovem o bem comum. É importante, contudo, ressaltar que, ainda assim, a cultura dos detentores do poder não é unívoca e absoluta, pois alguns indivíduos, mesmo que em minoria tentam fazer frente a tais preceitos. É, então, o caso dos trabalhadores que estamos investigando? Vale ressaltar que é nesse movimento de complexidade das relações humanas que os indivíduos, gradativamente, trilham a própria história e adquirem sua identidade social. Assim, acentua Gramsci:

É que só pouco a pouco, de estrato em estrato, a humanidade adquire consciência de seu próprio valor e conquista o direito de viver independentemente dos esquemas e dos direitos de minorias que se afirmaram historicamente no momento anterior. (2004, p. 58).

É preponderante enfatizar a idéia de que essa consciência, assim como assinala Gramsci (2004), não acontece sob a égide dos espontaneísmo, como um movimento natural e “evolutivo” da humanidade. Pelo contrário, o processo que desencadeia essa atitude reflexiva, de acordo com Marx (1998), é resultado da aquisição de uma consciência revolucionária, assimilada na prática cotidiana das lutas de classes, diante da qual o indivíduo rompe com a superficial “consciência de si mesmo” e parte para um estágio mais crítico e comprometido com a transformação da realidade que lhe é imposta. Nessa perspectiva, ainda assinala Marx:

(...) está claro que a verdadeira riqueza intelectual do indivíduo depende inteiramente de suas relações reais. É só desta maneira que cada indivíduo em particular será libertado das diversas limitações nacionais e locais que encontra, sendo colocado em relações práticas com a produção do mundo inteiro (inclusive a produção intelectual) e postos em condições de adquirir a capacidade de desfrutar a produção do mundo inteiro em todos os seus domínios (criação dos homens). (1998, p. 34).

Até onde podemos observar, o grupo de estudos do Sindicato dos Gráficos trabalha na perspectiva anunciada há pouco por Marx (1998). Isso porque as leituras, filmes e debates vivenciados por tais trabalhadores, durante os encontros semanais, buscam *relações práticas* com a produção intelectual, objetivando, assim, a capacidade de se apropriar de uma cultura ampla que lhes possibilite a conscientização política. Desta feita, em diálogo com Marx (1998), percebemos que, assim como defende Gramsci (2004), a cultura é edificada historicamente pelos homens a partir de suas relações e práticas sociais. Os indivíduos precisam, pois, ter contato com uma cultura geral e ampla, para que possam adquirir múltiplas capacidades de teor crítico-intelectual, passando também pelo reconhecimento de valores próprios e de um

(...) continuado trabalho de crítica, de penetração cultural, de impregnação de idéias em agregados de homens que eram inicialmente refratários e que só pensavam em resolver por si mesmos, dia-a-dia, hora a hora, seus próprios problemas econômicos e políticos sem vínculos de solidariedade com os que se encontravam na mesma situação. (GRAMSCI, 2004, p. 59).

Referido pensamento gramsciano parece-nos contemplado no depoimento de um dos trabalhadores gráficos entrevistados, ao se referir ao Curso de Formação Política investigado, diante do contexto capitalista da contemporaneidade:

Num momento como esse, estamos vendo uma estagnação das lutas em si, dos confrontos, num momento como esse nós vemos uma importância muito grande na formação política, na formação intelectual, na formação de uma forma geral, por que isso? Nós temos uma carência muito grande de quadros no movimento sindical, além dos que já saíram, que a gente chama vulgarmente de “desbundados”, essa palavra de “desbunde”, quer dizer sair do movimento[...] Além do desbunde tem a cooptação que foi muito grande, além da cooptação em nosso caso particular nós temos uma carência, em nossos trabalhadores a formação é mínima, além da formação intelectual, a formação política e nós nos últimos tempos resolvemos investir nisso, na formação (...). (fevereiro de 2007).

Está clara a tomada de consciência da necessidade de formação e cultura ampla para esse trabalhador em estudo, uma vez que investe esforços pessoais e coletivos no intuito de capacitar-se como classe que precisa fazer frente aos ditames do capital. A partir do relato, percebem-se a leitura crítica feita da fase capitalista atual, como também o reconhecimento da carência cultural, intelectual e política por parte dos trabalhadores em formação. Cabe destacar o fato de que tal trabalhador jamais leu Gramsci, no entanto, nos dá a impressão de que ele assim já o fez, pois os argumentos utilizados muito se aproximam de tal perspectiva teórica. Dessa forma, a partir da práxis e pela práxis, referidos trabalhadores investem em âmbitos informais em educação:

(...) pra que isso (a formação)? Além da gente saber enfrentar os patrões, saber também como lá fora se manifestar politicamente nos movimentos como um todo, aí tanto enfrentar governo, enfrentar os patrões e o próprio movimento sindical que é eclético, tem um movimento que vai a luta mesmo, tem movimento que é só de fachada, a gente tem que tá batendo nisso. Então nós temos que está capacitados em todos os aspectos, por isso nós resolvemos nesse momento, partir para essa

questão, para nós é fundamental, a formação como um todo e principalmente política. (depoimento de um trabalhador entrevistado em fevereiro de 2007).

É nessa linha de raciocínio que Gramsci (2004) anuncia uma “consciência unitária do proletariado”, ancorada em uma cultura que lhes é peculiar, pois, para esse autor, as rupturas sociais historicamente consolidadas, como a Revolução Francesa, por exemplo, foram precedidas de intensas fomentações socioculturais. Tal fato nos remete ao que Marx (1890) intitula de *condições subjetivas*³ que, uma vez aliadas às *objetivas*⁴, devem favorecer um levante revolucionário. Rompe-se, pois, com a concepção de cultura enciclopédica, que restringe o seu significado a aspectos meramente instrumentais, impostos pela hegemonia da classe dominante; em outras palavras, aspectos culturais convencionados por valores elitizados e pouco comprometidos com o coletivo, direcionando-se sempre à exacerbação de interesses de minorias em detrimento da maioria. Como garante Marx:

Os pensamentos da classe dominante são também em todas as épocas os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder *material* dominante numa determinada sociedade é também o poder *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. (1998, p. 48).

Pois bem, para Gramsci (2004), a formação de uma consciência unitária do proletariado acontece a partir da crítica aos preceitos sociais, políticos e econômicos do capitalismo, como uma preparação da consciência que precede as revoluções:

³ Condições, de acordo com Marx (1890), que dependem das ações, vontades, pensamentos e idéias humanas.

⁴ Condições, de acordo com Marx (1890), que independem das vontades ou ações humanas, ou seja, já estão historicamente postas.

É através da crítica à civilização capitalista que se forma ou se está formando a consciência unitária do proletariado: e crítica quer dizer cultura, e não evolução espontânea e natural. (GRAMSCI, 2004, p. 60).

E essa consciência se forma não sob a pressão brutal das necessidades fisiológicas, mas através da reflexão inteligente (primeiro de alguns e depois de toda uma classe) sobre as razões de certos fatos e sobre os meios para convertê-los, de ocasião de vassalagem, em bandeira de rebelião e de reconstrução social. O que significa que toda revolução foi precedida por um intenso e continuado trabalho de crítica, de penetração cultural (...). (GRAMSCI, 2004, p. 58).

Com efeito, para Marx (1998) sucede diante da ruptura com a subsunção do trabalho ao capital na tentativa de inaugurar uma sociedade baseada em homens “donos de si”, com relações de produção coletivas e livres da propriedade privada, superando o estágio daqueles indivíduos que vivem meramente em si mesmos, sem a perspectiva do coletivo e das relações com o outro. Nessa perspectiva, a classe trabalhadora tem que se submeter a um longo e árduo trabalho de conscientização, revendo seus conceitos e valores culturais e, principalmente, fortificando-se diante da luta de classes, da práxis revolucionária.

Como podemos observar, essa transformação sociocultural proposta por Marx (1998) e reafirmada por Gramsci (2004), não ocorre a partir de bases meramente *espirituais*, porquanto tais mudanças exigem profunda modificação no modo de produção da vida material dos indivíduos, na organização social do trabalho, partindo para uma apropriação coletiva dos meios de produção. Isso porque, na lógica do capital, os aspectos intelectuais estão, indubitavelmente, associados às relações econômicas vivenciadas em cada sociedade, pois o acesso ao saber sistematizado e científico estrutura-se em evidente relação de poder: à classe dominante cabe a apropriação do saber intelectual e científico, enquanto às camadas populares resta o meramente técnico e industrial.

No âmbito do Sindicato dos Gráficos, sediado em Fortaleza, no entanto, um movimento diferenciado parece estar em curso. A partir de leituras marxistas, valendo enfatizar que eles estudam textos do próprio Marx (mesmo com séria defasagem escolar), tais trabalhadores apostam na formação como forte ferramenta de enriquecimento das lutas sindicais ou trabalhistas de uma forma geral, principalmente em um ambiente histórico de fragmentação da classe trabalhadora. Por isso, investem em leituras e debates sobre Economia-Política, Filosofia, atualidades e fundamentos marxistas em geral, fato que os torna cada vez mais interessados por uma cultura ampla, geral e revolucionária, como percebemos a partir de suas palavras:

A gente notou aqui até pelos nossos cursandos, que já disseram assim: "a gente deu um passo muito grande, nós não sabíamos de nada." A maioria de novatos, tem alguns veteranos, mas a maioria é de novatos, então o pessoal está gostando, a gente tá vendo que o pessoal tá vindo mesmo, tá criando condições para isso, eu acho que nós vamos dá um salto de qualidade muito grande em termos de formação aqui dentro do sindicato. (DIRIGENTE SINDICAL, janeiro de 2007).

Em termos gerais, todavia, o acesso ao pleno desenvolvimento intelectual, é privilégio dos possuidores de boas condições financeiras, fato este, porém, que não nega a possibilidade de que determinados indivíduos da classe menos favorecida consigam por méritos individuais e pessoais, ascender a determinados postos que exijam primor intelectual. É preciso ressaltar, no entanto que, em aspectos mais gerais, a classe dona dos meios de produção também domina a *produção espiritual* (MARX, 1998) de cada comunidade dividida em classes sociais antagônicas.

Tem-se, pois, a clássica separação entre o "saber" e o "fazer", ou seja, a dicotomia entre o trabalho intelectual e o técnico e industrial. Diante de tal propósito, as minorias historicamente acomodadas no poder integram a elite intelectual de cada organização social, que domina, enquanto

a grande massa desprovida dos meios de produção, apesar de possuir ciclos próprios de cultura⁵, submete-se ao trabalho estranhado⁶ e à falta de contato com as mais ricas e solenes produções e descobertas espirituais da humanidade.

Assim sendo, por ser desprovida dos meios de produzir sua vida material, a classe trabalhadora, também, não é partícipe do processo de aquisição dos elevados saberes intelectuais. Até porque não seria interessante aos representantes do capital favorecer um esclarecimento intelectual àqueles que, até então, encontram-se à margem desse privilégio e são, nessa óptica, fonte maior de seu acúmulo de riquezas. Por conseguinte, para ter acesso a uma formação emancipadora e reflexiva, a classe trabalhadora precisa criar espaços não formais organizados por seus próprios intelectuais orgânicos, para, então, coletivamente ter acesso ao conhecimento amplo e irrestrito, fato que nos leva a uma relação direta com o grupo de estudo do Sindicato dos Gráficos.

É com base na tentativa de romper com essa expropriação histórica do saber intelectual das massas populares que Gramsci propõe um modelo de escola unitária, destinada a "(...) desenvolver em cada indivíduo humano a cultura geral (...) o poder fundamental de pensar e de saber se orientar na vida." (1997, p. 117), no intuito de apontar um novo fazer escolar que se afaste do intenso processo de diferenciação, especialização, particularização e segregação formativa, destinado a atender as demandas de mercado, adotado pelos atuais modelos de educação formal. Com efeito, Gramsci (1997) anuncia um modelo de educação que busca contribuir, efetivamente, com a formação

⁵ Apesar de possuir manifestações culturais que lhes são peculiares, valores próprios inerentes a sua categoria social, constituídos a partir de suas vivências e contatos com o mundo real e concreto que a envolve.

⁶ Trabalho que é exterior ao trabalhador, que lhe é estranho, por ser fruto de relações de exploração e por ser destinado à produção de mais-valia e não à realização material e espiritual daquele que emprega sua força de trabalho.

de sujeitos emancipados e conscientes de suas ações socioeconômicas e culturais:

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário, por isso, refletir-se-á em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo. ((GRAMSCI, 1997, p. 125).

Pode-se objetar com a idéia de que a forma atual de organização escolar atende a um dualismo educacional edificado historicamente pela consolidação da concentração de renda. Vimos no depoimento dos trabalhadores a imensa carência formativa vivenciada pela classe trabalhadora. Temos, então, de um lado, os que são preparados para assumir cargos de ascensão social que exigem formação universitária de qualidade e, atendendo a lógica segregadora do capital, no outro extremo, há os que, por circunstâncias socioeconômicas desfavorecidas, devem se apropriar de um saber meramente técnico que a eles possibilite, de forma subalterna, a venda de sua força de trabalho.

Evidencia-se, pois, o fenômeno que Gramsci (1997, p. 118) denomina de a "divisão fundamental entre escola clássica e profissional." A clássica destina-se à camada dominante e seus intelectuais, ao passo que a escola profissional, com saberes instrumentais, é direcionada aos estratos menos favorecidos da sociedade. Nessa perspectiva, os trabalhadores desfrutam de uma educação muito mais voltada ao técnico-profissional, deixando em segundo plano uma formação cultural e intelectual plena, que permite, substancialmente, maior índice de criticidade e reflexão.

Por isso, vislumbrando a elevação cultural e intelectual dos trabalhadores e procurando garantir a estes melhores condições de atuação e elaboração de sua história, diante de novos moldes sociais, é que Gramsci (1997) propõe uma educação unitária em âmbitos formais e informais, diante da qual todos os indivíduos possam ter aces-

so a todas as forma de *produção da vida espiritual da humanidade*. Desta feita, os indivíduos poderiam ter as mesmas oportunidades de ingresso no "mundo do conhecimento", poder-se-ia, então, coletivizar os saberes intelectuais e culturais.

Sabemos, pois, que tal evento tem como pré-requisitos, imensuráveis transformações na produção da vida material dos homens, pois as duas formas de construção da vida humana não se dissociam e agudizam-se em um processo de interdependência; ou seja, para romper com as relações sociais de exploração, a classe trabalhadora precisa adquirir uma consciência revolucionária e partir para a ação. Esse, todavia, é um processo que, segundo Marx (1890) exige condições objetivas e subjetivas, tanto de caráter material quanto de teor espiritual.

É indiscutível o fato de que os trabalhadores precisam ter acesso a outra estrutura educacional, mas, enquanto essa realidade não chega, o que precisa ser feito? Sem dúvida, a proposta de escola unitária gramsciana dificilmente conseguirá se efetivar no seio da sociedade capitalista, pois é um modelo que não atende as exigências da subordinação cultural da classe trabalhadora. É necessário, contudo, reconhecermos que essa perspectiva educacional proposta por Gramsci (1997) favorece a manutenção de uma cultura revolucionária, voltada para valores e princípios coletivos, que precisam ser cultivados mesmo diante da subsunção do trabalho ao capital; mas, o que fazer para implementá-la?

Talvez o caminho deva ser trilhado primeiro em âmbitos informais, como nos parece que tem acontecido no Sindicato dos Gráficos, uma vez que não precisam do reconhecimento do Estado, para depois, gradativamente, em um movimento ampliado e solidificado, corroer-se a estrutura formal e segregadora da educação sob moldes capitalistas, uma vez que não é de nosso conhecimento nenhum movimento, em curso no Brasil, que possa efetivamente romper com esse modelo excludente, implantando uma nova sociedade.

Vale lembrar que tais ideias alternativas de educação precisam acontecer em âmbitos informais. Isso porque a um Estado capitalista não interessa a legitimação de uma educação que se volte aos interesses das classes menos favorecidas, uma vez que a ignorância intelectual é uma forte aliada para a democracia burguesa, que precisa de manipulações eleitorais para se manter hegemonicamente no poder.⁷

Acerca da possibilidade de elevação intelectual e cultural dos trabalhadores, segundo Gramsci (1997), as camadas populares possuem os próprios líderes e intelectuais, aqueles que desempenham papel importante na organização da cultura de massa, como podemos observar dentro do grupo estudado. Cabe-nos, porém, a pergunta: o que viria primeiro, na perspectiva da mudança, a conscientização ou a ruptura social? Na verdade, tais fenômenos não acontecem em circunstâncias lineares, seguindo uma ordem de fatores postos e sobrepostos. A tomada de consciência e a ruptura social, segundo Marx (1998), envolvem-se em um movimento dialético, sem uma ordem prestabelecida. É nessa perspectiva dialética, a partir da união entre teoria e prática, que os trabalhadores em estudo interagem com as novas investidas do capital:

(...) nós notamos uma dificuldade muito grande de nossos dirigentes dentro das empresas, de enfrentar temas que os patrões estavam enganando eles, porque nós abordamos temas agora como a legislação trabalhista, que o governo atual quer acabar, criando mil maneiras de acabar, fazer reforma sindical, trabalhista e uma série de questões que já, já vêm à tona. Que vão de uma vez por todas, quem sabe, dá uma rasteira no movimen-

⁷ Fato observável nas relações clientelistas ocorridas no Brasil, ancoradas na primazia das desigualdades sociais, as quais favorecem a manutenção de poderosas oligarquias que se revezam no domínio político-econômico. É o caso, por exemplo, do grupo liderado pelos senadores Tasso Jereissati, no Ceará, Antônio Carlos Magalhães, na Bahia (embora tenha sido, recentemente derrotado, nas últimas eleições -2006), Sarney no Maranhão, entre outros casos que, nitidamente, se inserem no contexto da "democracia" brasileira.

to sindical, então nós abordamos aqui nos estudos esse tema da legislação trabalhista, para o trabalhador conhecer leis, então por isso já tá surtindo efeitos, já estão partindo para a luta consciente dentro das empresas (...). (DEPOIMENTO de um trabalhador em janeiro de 2007).

Obviamente, para contestar e ir de encontro à ordem estabelecida, é necessária a união de fatores diversos. Como podemos perceber no relato coletado, o indivíduo precisa, por exemplo, adquirir consciência da organização social que o oprime, porém tal consciência se adquire principalmente diante da práxis, do cotidiano de luta. Esclarece Kosik:

O ser social determina a consciência dos homens, mas disto não resulta que o ser social se revele adequadamente na consciência dos homens. Na práxis utilitária do dia-a-dia os homens mais facilmente tomam consciência do ser social sob cada um dos aspectos isolados ou sob aparências fetichizadas. (2002, p. 194).

Isso porque:

A compreensão das coisas e do seu ser, do mundo nos fenômenos particulares e na totalidade, é possível para o homem na base da abertura que eclode na práxis. Na práxis e baseado na práxis, o homem ultrapassa a clausura da animalidade e da natureza inorgânica e estabelece a sua relação com o mundo como totalidade. (p. 227).

Tem-se, então, o papel irrevogável dos intelectuais orgânicos, pois, de acordo com Gramsci (1997), cada grupo social possui a própria categoria de intelectuais; indivíduos estes que exercem a função de organizadores socio-culturais, criando condições de favorecimento à classe social que representam. Dessa forma, o intelectual orgânico, criado pela nova classe, surgente, desempenha funções legítimas, em âmbitos estatais e sociais, formais ou não formais, fato evidenciado diante da organização trabalhista em estudo, uma vez que esta se organiza, sobretudo a partir de seus intelectuais, formados desde uma cultura

revolucionária de massa. Quem são, porém, os intelectuais? Primeiramente é importante esclarecer que, para Gramsci (1997), não existem não-intelectuais, pois, afinal, todos os indivíduos, mesmo que minimamente, desempenham atividades intelectuais criadoras.

No seu pensamento, todavia: "Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais." (GRAMSCI, 1997, p. 7). Em outros termos, apesar de executarem atividades intelectuais, nem todos os indivíduos exercem a função de *organizadores de massas de homens*, nem todos contribuem para a reflexão sobre uma diferente concepção de mundo ou para formas inovadoras de interpretação do real e, aqueles que, no seio da classe trabalhadora, assim o fazem possivelmente inauguram concepções e ações diante dos ataques capitalistas.

Dessa forma, mediante o aprofundamento cultural, os diversos agrupamentos sociais poderão desenvolver-se intelectualmente e organizar-se no sentido de apresentarem posições políticas e ideológicas próprias. Sem dúvida, no entanto, as imposições econômicas são marcantes e preponderantes nesse sentido e

(...) formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas especialmente em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante. (GRAMSCI, 1997, p. 8).

Deve-se notar que, de acordo com Gramsci (1997), há uma suposta tentativa de cooptação dos intelectuais pelo grupo social dominante, no intuito de fortificar-se hegemonicamente. Isso porque os intelectuais lideram todo um processo de organização social e cultural e são legitimados pelo grupo social que representam. É diante dessa perspectiva que podemos retomar a discussão inicialmente levantada, no momento em que debatemos o conceito

de cultura em Gramsci (1997), e fundamentar com esteio nesse autor, a idéia de que a classe trabalhadora, apesar de se encontrar historicamente submetida ao capital e a sua hegemonia cultural, possui cultura própria, baseada em *círculos de cultura*⁸ desencadeados coletivamente.

De acordo com relatos colhidos em nossa investigação, porém, é possível constatar, assim como observa Gramsci (1997), que, em alguns momentos, há claro intento de cooptação dos líderes trabalhistas por parte da classe dominante, uma vez que estes organizam a cultura de massa. Nesse sentido, denuncia um dos trabalhadores investigado, em desabafo sobre a atual situação do sindicalismo no Brasil, diante de um governo dito dos trabalhadores:

(...) não tem mais oposição, a maioria dos partidos hoje são governo, as centrais sindicais hoje são governo, cooptadas, até eu brinco com os meninos aqui: olha dinheiro pouco e peia pouca não resolvem os problemas, resolve mesmo é dinheiro muito e peia muita, o que aconteceu com o movimento sindical? Dinheiro muito, gente que aqui mesmo no Ceará a gente foi para a porta dos Correios, gente que ganhava R\$ 700,00 trabalhando, hoje a empresa cooptou e tá ganhando R\$ 7.000,00, quer dizer as lideranças que tinham antes para fazer esta luta, para dizer que a coisa está errada, que o povo está sendo enganado em todos os aspectos, venda de empresas nacionais, privatizações esdrúxulas, as coisas horríveis do mundo não tem mais ninguém dizendo, tá todo mundo caladinho, o governo foi hábil na cooptação que aconteceu nesse país foi como nunca (...). (DEPOIMENTO colhido de um trabalhador em novembro de 2006).

⁸ Gramsci (1997) denomina de círculos de cultura um tipo de trabalho intelectual coletivo, no qual os indivíduos, com as mais diversas especificidades intelectuais, colaboram entre si para a elaboração de uma competência coletiva. Partem, então, para a socialização de certezas, dúvidas e críticas construtivas, até atingir, na medida do possível, e de modo homogêneo, o grupo de intelectuais.

Cabe, ainda, destacar que, mesmo diante da forte influência da classe dominante e da até cooptação dos líderes da classe trabalhadora, existem aspectos culturais, peculiares à referida classe, uma vez que, seguindo a razão do pensamento gramsciano, cada grupo social tem os próprios traços culturais, que demonstram a possibilidade de organização dos oprimidos em direção à luta pela emancipação humana; ou seja, mesmo ante o grave quadro de desarticulação dos trabalhadores na contemporaneidade, ainda há chance de reorganização e resistência ao avanço do capital.

A partir de mencionada possibilidade, os homens poderiam assim, atingir, na práxis, satisfatórios níveis de esclarecimento político e conscientização; quem sabe, até poderiam manter um contato maior com o mínimo de cultura geral, fato este que lhes possibilitaria a gradativa autonomia diante do ato de pensar e agir como sujeitos históricos e capazes de transformar a realidade objetiva que lhes é imposta.

Outro aspecto importante é o que Gramsci (1997) anuncia como a "(...) aquisição de uma competência coletiva", pois, para ele, a partir de atividades intelectuais coletivas os indivíduos poderiam atingir equilibrados níveis de intelectualidade. Assim, mediante essa organização voltada à unidade de interesse do proletariado, possivelmente, estes podem inaugurar uma *cultura revolucionária* (MARX, 1890) e levantar-se conscientemente contra as minorias opressoras historicamente estabelecidas no poder. Diante de tais preceitos, anota Gramsci:

(...) os privilégios e as diferenças sociais, sendo produtos da sociedade e não da natureza, podem ser superados. A humanidade necessita de um outro banho de sangue para cancelar muitas destas injustiças: e, quando isso ocorrer, que os dominantes não se arrependam por terem deixado as massas no estado de ignorância e de ferocidade em que se encontram agora. (2004, p. 46).

Deparamos-nos, pois, com uma concepção revolucionária da história, marcada por complexos processos de rupturas e continuidades, nos quais se deflagra um dialético movimento entre fenômeno e essência. O reflexo fenomênico dos eventos, pouco a pouco, desvela o real, a essência histórica das lutas de classes constituídas ao longo do percurso dito civilizatório. Desse modo, não nos pode parecer improvável que, unindo a consciência proletária à práxis revolucionária, se possam alcançar modelos diferenciados de organização social. Em fundamentação, argumenta Gramsci:

Muitos dizem que o homem já conquistou tudo o que deveria conquistar de liberdade e de civilização; e que agora, portanto, não lhe resta mais que desfrutar dos frutos de suas lutas. Penso ao contrário, que algo muito diverso ainda nos cabe fazer: os homens têm apenas um pequeno verniz de civilização, que, se levemente raspado, deixa logo aparecer a pele de lobo. Os instintos foram amansados, mas não destruídos; e o direito do mais forte é o único reconhecido. (2004, p. 46).

Cabe-nos, por conseguinte, uma indagação: o que, diante dos preceitos mencionados, vem a ser civilização? Convencionalmente, o que se tem considerado por civilização, como expõe Gramsci (2004), é uma forma pouco humana (ou muito humana, talvez) que os homens utilizam para viver em sociedade, “Porque parece cruel destino para os humanos serem dominados por este instinto, o de quererem devorar-se uns aos outros.” (p. 43). É isso mesmo: os homens, ou pelo menos grande parte deles, parecem possuir apenas “um pequeno verniz de civilização”, principalmente no momento em que, ludibriados, se curvam ao mundo das coisas e elegem como deus o dinheiro (MARX, 2004).

Nessa perspectiva, grande massa de homens é submetida à miséria e à ignorância. Implementa-se, então, uma cultura desastrosa, os índices de violência e precarização humana tornam-se alarmantes. Estaríamos, então, viven-

ciando a barbárie? Mészáros (2005) já anuncia tal intento. Impõe-se, pois, a clara necessidade de superação desse culto ao individualismo, suscitando a inauguração de uma “ética socialista”, a partir da qual os indivíduos desenvolvam um espírito coletivista e não permitam que os frutos do trabalho, apropriado por vinculações de exploração, sejam benefício de minorias, no intuito de centralizar capital. Do contrário, perceberiam, então, que a atividade laboral pode ocasionar o enriquecimento de toda a comunidade, com o fim da propriedade privada. Diante de tal concepção, teorizam Marx e Engels:

A teoria materialista de que os homens são produto das circunstância e da educação e de que, portanto, homens modificados são produto de circunstâncias diferentes e de educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado. (...) A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser apreendida e racionalmente compreendida como *prática transformadora*. (1997, p. 118).

A idéia que podemos enfatizar, por fim, em diálogo com Mészáros (2005), é a de que a sociedade contemporânea precisa enfrentar drásticas rupturas em âmbitos sociais, culturais, educacionais, econômicos e produtivos. Estas transformações suscitarão o advento de um *novo homem*, uma vez que este, como bem ressaltou Marx (1997), “é produto das circunstâncias e da educação” que lhes são transmitidas socialmente. Faz-se necessária, pois, “uma mudança que nos leve para além do capital, no sentido genuíno e educacionalmente viável do termo.” (MÉSZÁROS, 2005, p. 25).

Isso porque, indubitavelmente, as relações educacionais da contemporaneidade estão profundamente relacionadas com a economia de mercado e com o avanço das forças produtivas capitalistas. Por tal razão, segundo Mészáros (2005), torna-se pouco viável pensar em mudanças de vertentes educacionais que favoreçam as camadas

populares, sem que haja rupturas efetivas com os interesses da classe dominante. Em outros termos, para que a educação se volte realmente para a formação de um sujeito emancipado, político, crítico e reflexivo, tornam-se urgentes mudanças nas relações de produção da vida material da humanidade, a fim de que esta, paralelamente, reconfigure a produção da vida espiritual dos homens.

Referências Bibliográficas

GRAMSCI, Antônio. *Escritos políticos*. Organização e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. *Os intelectuais e organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl. *A ideologia alemã* de Karl Marx e Friedrich Engels. Introdução de Jacob Gorender, tradução de Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Coleção Clássicos).

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1 – O Processo de Produção do Capital – v. 1. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1890.

_____. *O 18 de brumário e cartas a kugelman*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.